

AS ARENGAS SUBJETIVAS DE SALLES DOUNNER

Pedro Paulo Salles, que foi conhecido pelo pseudônimo Salles Dounner, foi um desenhista e pintor autodidata, um dos grandes artistas da Franca do Imperador. Sua vida foi marcada por dificuldades de toda ordem, pouco se sabe o que é verdade ou ficção. Salles nasceu em São Paulo em 1949. Acompanhando o pai, que era militar, mudou-se para Franca com nove anos, mas depois esteve em São Paulo e Rio, onde acabou indo para um “reformatório de crianças”. Alguns aspectos de sua vida podem ser conhecidos pela dissertação de mestrado na UNESP-Rio Claro do pesquisador Daive de Freitas, de 2010.

Salles retornou a Franca a partir de 1967, engajando-se com o grupo de jovens que criou a I Semana de Arte Moderna um ano antes. Esteve com Kellner expondo suas obras nos varais de arte montados no Parque Fernando Costa, manifestações logo dissolvidas na fase mais dura da ditadura militar. Precursor da arte urbana na cidade, vivia da produção efêmera de pinturas comerciais em paredes, mas também ilustrava jornais e publicações da cidade. Suas exposições ficaram restritas a Franca. Fez várias mostras na Pinacoteca Municipal a partir de 1977 e na galeria do SENAC local, quando lançou o livro "Art-Nula" contendo poesias, ilustrações e cartuns. Muito enfermo, mudou-se para Ribeirão Preto no início dos anos 90, onde continuou produzindo até falecer em 1996, aos 46 anos. Em 1999, a Pinacoteca Municipal fez uma grande exposição póstuma "Tributo a Salles Dounner", reunindo obras originais do acervo de diversos amigos e familiares do artista. O Laboratório das Artes possui em seu acervo uns 40 desenhos em bico de pena/ nanquim e uma pintura a óleo do artista.

Durante sua vida profissional como pintor de murais publicitários nas fachadas ou interiores de bares, lojas e oficinas, conversava muito com quem passava pela calçada. Todo sujo de tintas e de pincel em punho, às vezes parava o serviço para analisar o andamento dos grandes murais que antes desenhava cuidadosamente em papéis de embrulho ou o que tivesse à mão. Nessas paradas, dava dois dedos de prosa com os transeuntes, às vezes bebericando uma cerveja. Eram as arengas subjetivas, como escreveu num texto para o fanzine “Arte Agora” do Lab das Artes nos anos 80. Nessas arengas, como lia muito sobre arte, misturava conceitos e movimentos, numa prosa fluente e repleta de mágoa com os descaminhos da “arte burguesa”, como gostava de falar.

Foi um personagem importante para a história da arte local, mas seu legado muralista está se perdendo totalmente. Sua obra pública, externa ou interna às edificações, está quase totalmente destruída pela incúria e falta de compromisso de proprietários e dos órgãos do patrimônio. Camadas de tinta sobre seus grandes painéis vão lentamente apagando sua memória da vida urbana local. Sua pintura em quadros não é tão importante quanto a obra pública, mesmo assim também vai se esvanecendo, pois a maioria pertence a particulares e desapareceu da vista dos cidadãos. Os desenhos a lápis ou caneta esferográfica, que dominava com maestria, também são pouco conhecidos. A tentativa de criar um centro de cultura na estação ferroviária da Mogiana com seu nome, transformado em lei pela Câmara Municipal, também não teve desdobramento prático, a estação continua abandonada e em mau estado de conservação, prédio público tombado que poderia servir de suporte ao resgate da obra e da

importância de Salles Dounner para a arte francana. Mas numa cidade sem memória, sei que sonho acordado.

Mauro Ferreira é arquiteto